



NOS INTERSTÍCIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PROBLEMATIZANDO A RELAÇÃO MULHERES E NATUREZA

Juliana Corrêa Pereira Schlee¹

Resumo

Neste trabalho buscamos problematizar como as relações mulheres e natureza vem sendo amarrada a partir de diferentes conferências internacionais e atrelada ao campo de saber da Educação Ambiental. Para isso vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam mulheres e natureza, através das teorizações de Michel Foucault. Assim olhamos para algumas conferências internacionais tão caras a este campo de saber. O que nos interessa aqui é evidenciar as construções históricas e culturais que constituem esta relação mulher/natureza, com o intuito de problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade nos interstícios da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Mulheres. Natureza. Educação Ambiental.


Introdução

Neste trabalho buscamos pensar e problematizar a relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental, tendo como intercessor o filósofo Michel Foucault, nos propomos a olhar para os fundamentos históricos e filosóficos da Educação Ambiental, na dimensão das relações da humanidade com a natureza. Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam Mulheres, Educação Ambiental e natureza. Entendendo que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos, como algo que irrompe num certo tempo e lugar (FOUCAULT, 2014).

O modo de constituir-se como mulheres e como natureza é atravessado pelos discursos, enunciações e acontecimentos que modelam, controlam e regulam e são regulados por nós, sujeitos desse tempo. Partindo dessa premissa, buscamos a Educação Ambiental, como campo de saber importante e potente para a análise do mundo contemporâneo em seu processo de construção. Através de uma perspectiva pós-estruturalista, problematizamos

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/CAPES. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: julianaschlee@gmail.com





verdades e certezas que atravessam a constituição das mulheres e sua relação com a natureza e a Educação Ambiental.

Nos interstícios da Educação Ambiental

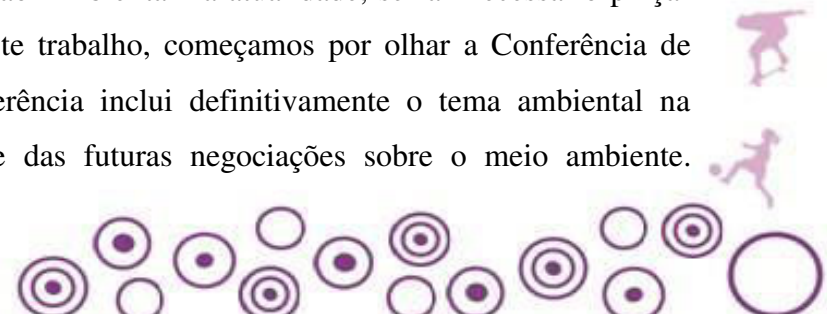
Com o auxílio dos fundamentos da Educação Ambiental, podemos examinar a crise ambiental que se instala, ao tensionar nossas heranças modernas. A crise ambiental gerada e potencializada pela cultura ocidental, hoje dominante enquanto modelo cultural consolidado no planeta, as formas de nos relacionarmos com o mundo se estabelecem através do paradigma científico.


Arelado a este discurso científico, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia), em junho de 1972. Nesta conferência, as relações humanas com a natureza são pautadas pelo paradigma científico em que posiciona o homem como indivíduo humano, como centro, protagonista tanto na destruição do planeta quanto na solução científica dos problemas ambientais, em uma visão antropocêntrica, ele é obra e criador do ambiente:

O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma (CONFERÊNCIA, 1972).

As formas de ver a natureza e suas relações pautada pela racionalidade científica se constitui no dualismo do ambiente humano *natural* e *artificial*, segundo Isabel Carvalho (2012, p.116), “no método científico, a separação entre sujeito e objeto desdobrou-se em outras polaridades excludentes: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção”. Para Garcia (1992) a dicotomia natureza/cultura não é universal e não há uniformidade no significado de natureza, cultura, masculino, feminino; portanto os significados e noções diferem entre homens e mulheres, assim como entre os homens, e entre as mulheres.

A maneira de ver o mundo, as leituras de natureza são marcadas por essa tradição do pensamento ocidental, portanto para pensar e problematizar como a relação mulheres e natureza vão se constituindo na Educação Ambiental na atualidade, se faz necessário pinçar alguns acontecimentos da história. Neste trabalho, começamos por olhar a Conferência de Estocolmo, entendendo que esta conferência inclui definitivamente o tema ambiental na agenda multilateral e como prioridade das futuras negociações sobre o meio ambiente.





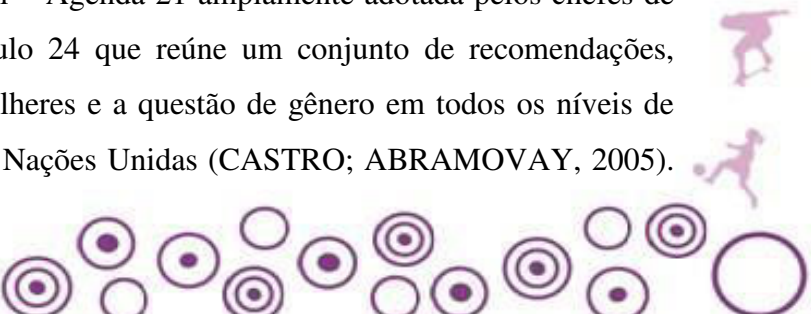
Entretanto, conforme Reigota (2014), pela primeira vez trouxe à tona a necessidade de educar a todos os cidadãos e cidadãs para a solução dos problemas ambientais, conforme princípio 19 da Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CONFERÊNCIA, 1972).


Neste mesmo sentido, trazendo a importância para uma educação para as questões ambientais dirigida a todos os cidadãos, a Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Tbilisi) promove que “a Educação Ambiental deve abranger pessoas de todas as idades e de todos os níveis, no âmbito do ensino formal e não-formal” (CONFERÊNCIA, 1977). A partir desta Conferência, realizada através da parceria entre a UNESCO e o Programa de Meio Ambiente – PNUMA/ONU, que foi possível definir a Educação Ambiental, assim como seus objetivos, princípios e estratégias que até hoje são adotados em todo o mundo (CZAPSKI, 1998). A Educação Ambiental está inserida em uma trama muito maior que ela própria, e apresenta-se como possibilidade de olhar, perceber e compreender as relações de interdependências estabelecidas entre nós e a natureza, objetivo presente desde a primeira Conferência de Tbilisi (1977).

A partir da Conferência de Estocolmo e de Tbilisi, a Educação Ambiental toma forma à nível global através das Nações Unidas, convocando a todos e todas na mudança de atitudes e comportamentos humanos em relação ao ambiente, tornando responsabilidade de toda a sociedade civil proteger o meio ambiente. A participação de todos na resolução dos problemas ambientais globais presente nas categorias de objetivos na Conferência de Tbilisi (1977) torna-se como condições de possibilidade para que os movimentos ecológicos, sociais, inclusive movimentos feministas, se aproximem da Educação Ambiental.

Mas, foi a partir de 1992, que houve maior participação das mulheres nas conferências mundiais, especialmente na Eco-92, com contribuições para a Agenda 21 da ONU (capítulo 24). Esses instrumentos colaboraram no sentido de provocar a mobilização para a reflexão e construção de atitudes de mulheres e homens em relação à crise ambiental, incorporando o Gênero nas decisões relacionadas com o ambiente internacional, nacional e local (BRAIDOTTI et al., 1994).

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a ECO-92, teve como resultado dessa mobilização a Plataforma de Ação do Desenvolvimento Sustentável – Agenda 21 amplamente adotada pelos chefes de Estado, e mais especificamente o capítulo 24 que reúne um conjunto de recomendações, mecanismos e metas para integrar as mulheres e a questão de gênero em todos os níveis de governo e nas ações da Organização das Nações Unidas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005).





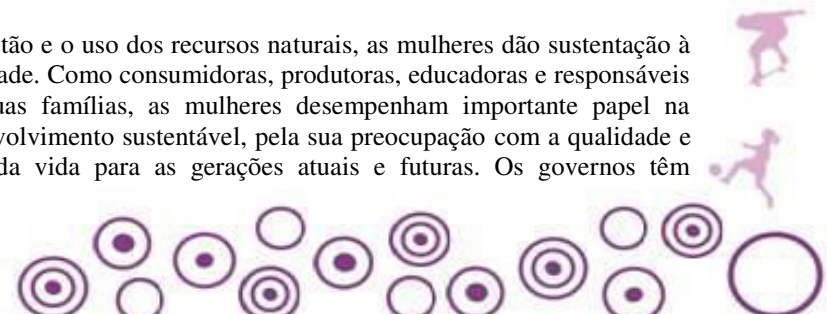
Conforme o capítulo 24, intitulado “Ação Mundial pela Mulher, com vistas a um Desenvolvimento Sustentável e Equitativo” tem como base para a ação:


24.1. A comunidade internacional endossou vários planos de ação e convenções para a integração plena, eqüitativa e benéfica da mulher em todas as atividades relativas ao desenvolvimento, em particular, as Estratégias Prospectivas de Nairóbi para o Progresso da Mulher II, *que enfatizam a participação da mulher no manejo nacional e internacional dos ecossistemas e no controle da degradação ambiental (...)* (CONFERÊNCIA, 1992) [grifo nosso].

Neste capítulo da Agenda 21, as mulheres são fundamentais no manejo e no controle de degradação ambiental, numa estrita relação mulheres e natureza. Não é de hoje que as mulheres são relacionadas às questões que envolvem a natureza em uma relação de proximidade. Se atentarmos para a literatura ecofeminista; na mitologia grega Gaia, a mãe terra; Deusas da natureza como ninfas; Pachamama na cosmovisão andina; assim como nas mitologias Vikings e Celtas, bem como a literatura Wicca também podemos perceber uma relação próxima e que cultuavam a natureza (ANGELIN, 2014). Assim, a proximidade das mulheres com os elementos, recursos e manejos com a natureza é histórica e cultural. Como foco de investimentos para as questões ambientais tomamos o movimento das mulheres na ECO-92 como condições de possibilidade para emergência da relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental.

Mas foi a partir IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995) promovendo os objetivos de igualdade de gênero, desenvolvimento e paz para todas as mulheres do mundo. Conforme a Declaração da IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz se faz necessário um desenvolvimento social equitativo que reconheça que dar aos pobres, em particular às mulheres que vivem na pobreza, a possibilidade de utilizar os recursos ambientais de maneira sustentável (Item 36, CONFERÊNCIA, 1995). Assim justificamos a escolha deste evento internacional como um acontecimento discursivo, um marco histórico que reconhece que para criar um novo paradigma de desenvolvimento é fundamental que se integre a preservação ambiental com a justiça e igualdade de gênero. Segundo a Plataforma de Ação da IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz, quanto aos objetivos estratégicos e medidas, no item “A Mulher e o Meio Ambiente” que se baseia no capítulo 24 da Agenda 21 visto anteriormente:

248. Mediante a gestão e o uso dos recursos naturais, as mulheres dão sustentação à família e à comunidade. Como consumidoras, produtoras, educadoras e responsáveis pelo cuidado de suas famílias, as mulheres desempenham importante papel na promoção do desenvolvimento sustentável, pela sua preocupação com a qualidade e a sustentabilidade da vida para as gerações atuais e futuras. Os governos têm





manifestado sua intenção de estabelecer um novo paradigma de desenvolvimento, capaz de integrar a preservação do meio ambiente com a justiça e a igualdade de gênero, dentro de uma mesma geração e entre distintas gerações, como está expresso no capítulo 24 da Agenda 21 (CONFERÊNCIA, 1995, p.236).

Na seara da Educação Ambiental, o conceito de Gênero traz visibilidade para as mulheres, posicionando-as como protagonistas para um futuro sustentável do Planeta, observamos que na Eco-92 aparece as questões das mulheres com o meio ambiente e depois as próximas conferências começam a abordar gênero e desenvolvimento sustentável.

Breves considerações

A relação das mulheres com a natureza na trama da Educação Ambiental se tornou uma posição de destaque, em uma construção mútua dos movimentos ambientalistas e feministas, em diversas instâncias governamentais e não governamentais. Assim olhamos para alguns eventos científicos tão caros à nossa área como e vemos que se num dado momento histórico, o homem está posicionado no centro da resolução dos problemas ambientais pautado pela racionalidade científica, agora nesta nova trama, em um momento de crise mundial convoca-se as mulheres para proteção e cuidado do planeta.

O que nos interessa aqui, não é destacar o certo e o errado nas nossas relações com a natureza, mas evidenciar as construções históricas e culturais que constituem esta relação. E principalmente mostrar o quanto estes modos de pensar, valorizar e se relacionar com a natureza vêm se constituindo e se modificando pela história e cultura, com o intuito de problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade nos interstícios da Educação Ambiental.

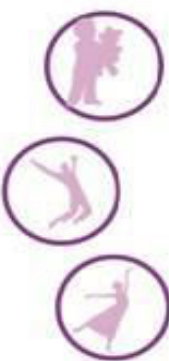
Referências

ANGELIN, R. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Itajaí: *Estamos preparados? Rev Eletr. Direito e Política*. UNIVALI, v.9, n° 3, p. 1569-1597, 2014.

BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HAUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. *Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável. Para uma síntese teórica*. São Paulo: Instituto Piaget, 1994

CARVALHO, I.C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 6ªed., 256p., 2012.





CASTRO, M.G.; ABRAMOPVAY, M. *Gênero e Meio Ambiente*. São Paulo: Cortez Editora, 2ªed., 144p., 2005.

CZAPSKI, S. *A implantação da Educação Ambiental no Brasil*. Brasília: MEC, 166p.,1998.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE HUMANO. DECLARAÇÃO. Estocolmo, 1972. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. DECLARAÇÃO. Tbilisi, 1977. Disponível em: www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/pdfs/decltbilisi.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. RECOMENDAÇÕES. Tbilisi, 1977. Disponível em: www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155354tbilisi.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE. PLATAFORMA DE AÇÃO, CAPÍTULO 24. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/cap24.doc Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MULHER, DESENVOLVIMENTO E PAZ, IV. DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO. Pequim, 1995. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BDPfA%20S.pdf> Acesso em: 18 de setembro de 2017.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2ªed. 74p., 2014.

GARCIA, S.M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.0, n.0, p.163-68,1992. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38126508015.pdf> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 2014.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

